



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento do Patrimônio Imaterial
Coordenação-Geral de Identificação e Registro
Divisão Técnica de Diversidade Linguística

PARECER TÉCNICO nº 10/2021/DTDL/CGIR/DPI

ASSUNTO: Reconhecimento da Língua Suruí-Paiter como Referência Cultural Brasileira

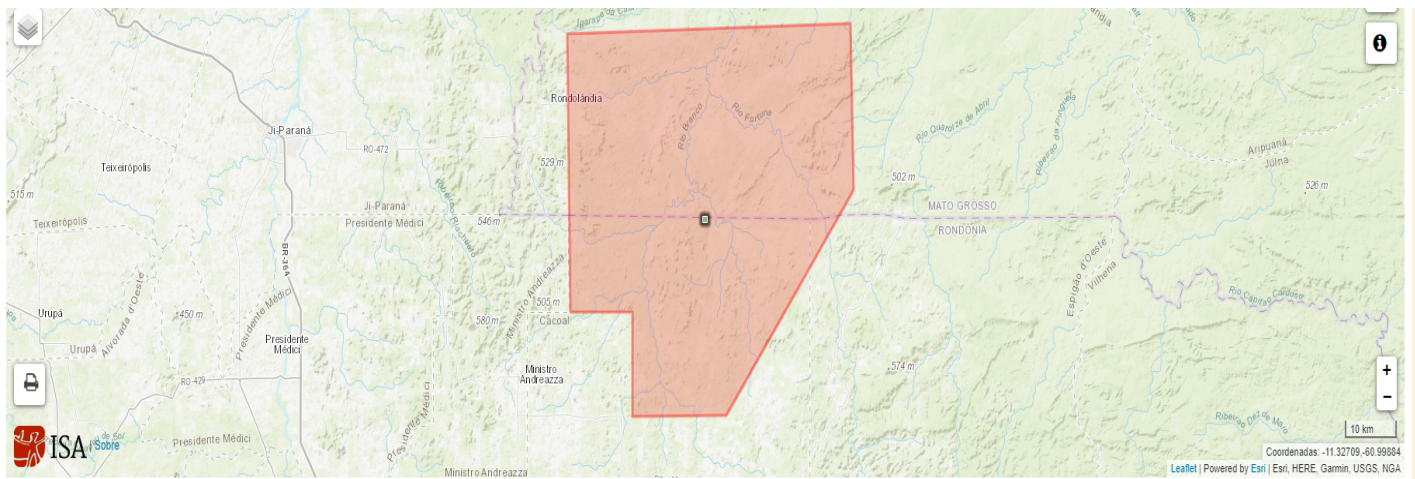
REFERÊNCIA: Proc. 01450.000705/2021-24

Brasília, 12 de Abril de 2022.

Este parecer técnico trata da inclusão da língua indígena Paiter do povo indígena Suruí no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), cuja pesquisa e documentação fez parte do LEVANTAMENTO REGIONAL DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE 26 (vinte e seis) ETNIAS INDÍGENAS DA REGIÃO DE RONDÔNIA – projeto apoiado pelo IPHAN e realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, vinculado ao MCTI, cujos objetivos principais foram os seguintes:

- Levantar a situação da língua nativa de 26 (vinte e seis) etnias do Estado de Rondônia, investigando os parâmetros reconhecidos para diagnosticar o grau de ameaça de cada uma delas, número de falantes e semifalantes, grau de transmissão da língua, grau de manutenção de arte verbal tradicional, alfabetização na língua indígena e medidas e programas de apoio;
- Obter as informações necessárias para a patrimonialização de cada língua, por exemplo, os nomes da língua, sua história e suas relações genéticas com outras línguas e dialetos;
- Produzir e documentar a anuência informada de cada etnia para o reconhecimento da sua língua como Referência Cultural Brasileira;
- Documentar minimamente cada língua e dialeto por meio de gravação;
- Mobilizar cada etnia a manter e promover as suas línguas, fornecendo ideias e capacitação para isso;
- Contribuir para o aperfeiçoamento de metodologias para levantar a situação de línguas indígenas de uma região, gerando subsídios para levantamentos futuros do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL);
- Gerar experiências de referência no uso de novas tecnologias para documentação e identificação de línguas para serem disponibilizadas no âmbito do INDL

Para efeito de compreensão do projeto de forma mais ampla, a DTDL/CGIR/DPI elaborou uma síntese sobre o referido Levantamento Sociolinguístico contido na NOTA TÉCNICA nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI 3079723). O objetivo é oferecer informações adicionais sobre o projeto de modo que se mantenha em perspectiva a dimensão regional, pluriétnica e multilinguística da iniciativa.



Municípios

Municípios com incidência nesta Terra Indígena

Municípios - Terra Indígena Sete de Setembro

#	Estados (UF)	Município	Área do município (ha)	Área da TI no município (ha)	Área da TI no município (%)	
1	RO	Cacoal	379.294,80	97.773,33		39,45
2	RO	Espigão D'Oeste	451.802,60	2.070,74		0,84
3	MT	Rondolândia	1.267.085,20	148.992,98		60,11

Fonte: [Terras Indígenas no Brasil](#)

Documentos analisados:

- Formulários do Guia de Pesquisa e Documentação INDL em formato digital (SEI 2521611)*;
- ***Legenda:** Módulo de Identificação e Pesquisa = **MIP**, Módulo de Caracterização Territorial = **MCT**, Módulo da Comunidade Linguística = **MCL**, Módulo de Identificação e Caracterização da Língua de Referência = **MIC**, Módulo de Diagnóstico Sociolinguístico = **MDS** e Módulo de Avaliação da Vitalidade Linguística, Revitalização e Promoção = **MAV**;
- Termo de Autorização de uso de áudio, imagem e demais registros para fins de documentação, estudo e divulgação científica (SEI 2521586 e 2521590);
- Termos de Anuência escritos (SEI 2521586);
- Amostras gravadas do uso da língua (SEI 3076572, 3076610, 3076662 e 3076689);
- Caderno de Fotografias (SEI 2521605);
- Mapas Terra Indígena Sete de Setembro (SEI 2521620)
- Áudio com lista de Swadesh (SEI 2521629)
- Áudio CD música Paiter (SEI 2521747);
- Vídeo contendo uso social da língua cujo conteúdo é sobre o modo de fazer cesto pequeno (SEI 2521713);
- Vídeo Paiter "Ema Itxireh" (SEI 2521718);
- Vídeo Surgimento de Galohbah (SEI 2521722);
- Vídeo Origem do Clã Kaban (SEI 2521724);
- Relatório de Pesquisa (SEI 2521728);
- Relatório Sobre Escrita Paiter (SEI 2521730);
- Relatório Sobre reunião final (SEI 3151265)

Documentos consultados:

- Guias de Pesquisa e Documentação para o INDL. Volumes 1, 2 e Suplemento Metodológico (versão digital). Iphan, 2016;
- Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências;
- Nota Técnica nº 8 - PU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI 3449599);
- Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI, de 03 de novembro de 2021 (SEI 3079723);

v. RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. 1999. Texto republicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica. Vol. 8, nº 02, 2016.

I. Síntese Histórica do Povo Paiter (Suruí de Rondônia):



Foto: Maloca Paiter, 1980. Luis Fernandez. Disponível em "Fotografias" (SEI nº 2521605)



Fotos dos Surui (Paíteer) em 1980. Luis Fernandez. Adquiridas pelo Meu Goeldi. Disponível em "Relatório Pesquisa" (SEI nº 2521728)

Conforme depoimentos do povo Paiter e relatos contidos na obra de Betty Mindlin (MIC, Item 3.2, Pág. 43), a área de ocupação tradicional dos Paiter se localizava no norte do Estado de Mato Grosso, de onde foram deslocados por pressão de não indígenas e de outros povos indígenas, até a área atualmente habitada pelos Cinta Larga, os quais, por sua vez, empurraram os Paiter mais para o oeste, até a região hoje em dia vizinha à cidade de Espigão d'Oeste, considerada a sua área atual.

As interações com os Cinta Larga se mantêm, em certo nível, até hoje, observando-se pela existência de relações de parentesco entre Paiter e Cinta Larga, o segundo tipo mais frequente de casamento misto entre os Paiter (depois de casamentos com não indígenas). O primeiro contato oficial dos Paiter com os não indígenas ocorreu em 1969 por meio dos sertanistas Francisco Meireles e Apoena Meireles:

“Neste ano, os Paiter finalmente visitaram o acampamento da FUNAI na linha 12, o qual havia sido fundado no ano anterior, no dia sete de setembro (data da qual deriva o nome da Terra Indígena). Uma certa parte da população continuou fora da área de contato, mantendo-se perto de Espigão d’Oeste, até finalmente mudarem-se em 1977 para a aldeia da linha 14, onde havia na ocasião um outro posto da FUNAI. Na década de 1970, a INCRA permitiu a entrada de colonos na área dos Paiter, que, após muita luta conseguiu a expulsão dos invasores e habitaram a periferia da reserva para impedir a volta deles. A organização atual das aldeias em termos de “linhas” é vestígio do INCRA.” (MCL, Item 3.1, Pág. 39)

Logo após o contato, foram registradas muitas mortes de indígenas pelas doenças introduzidas pelos brancos; a terra dos Paiter foi invadida por colonos, que foram expulsos após muita luta. Ressalta-se que, desde os contatos iniciais com os brancos, os Paiter sempre estiveram na órbita de influência dos Missionários do SIL (Summer Institute of Linguistics), que provocam a diminuição do interesse, principalmente entre os mais jovens, por aspectos considerados “profanos” da cultura e da religião ancestrais Paiter. Essa situação causa apreensão entre os membros mais velhos do povo Paiter.

De um modo geral, os Paiter preservam muitas características do seu modo de vida tradicional (roças de mandioca e outros produtos, caça e pesca como fonte de proteínas etc.), embora a influência de elementos externos seja evidente: uso de dinheiro, automóveis, motocicletas, televisões, telefones celulares, a frequência de casas de tijolos e alvenaria etc.

“As principais atividades econômicas tradicionais da T.I. Sete de Setembro, da qual dependem em grande parte os Paiter que lá residem, são a caça e a pesca (queixada, tatu, caititu, tamanduá e alguns tipos de macaco, mas não onça, jabuti, jacaré e outros tipos de macaco, sobre os quais recai um tabu alimentar), o extrativismo (frutos, mel, larvas, palmito), e a agricultura de roça (milho, mandioca, batatas, inhames, feijão, arroz, banana, mamão, bem como algodão e tabaco) de coivara, com o abandono da roça a cada dois anos. Projetos recente procuram renda pela produção e comercialização de café, castanha do Pará, cacau, buriti e outros produtos.

Há divisão de trabalho entre homens, que caçam, derrubam árvores para a roça e fazem flechas, e mulheres, que fiam, fazem cerâmica e cestaria, cozinham, colhem e cuidam das crianças. Homens e mulheres também podem plantar e pescar.” (MCL, Item 3.1, Pág. 36).

Até o momento não houve mudanças fundamentais nos padrões linguísticos: os Paiter que residem na Terra Indígena Sete de Setembro continuam a comunicar-se na língua materna em todas as situações da vida diária, estando o português restrito a contatos com não indígenas (ou pelo menos não Paiter: p.ex., em casamentos interétnicos).

O histórico de mobilização dos Paiter foi, mais recentemente, apresentado ao mundo em discurso proferido na 26ª Conferência da Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 26), em Glasgow, na Escócia, por meio da voz da ativista indígena Txai Suruí. Única brasileira a discursar oficialmente na Conferência, Txai Suruí é coordenadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, cuja família (seus pais, o Cacique Almir Narayamoga Suruí e a Ivaneide “Neidinha” Cardozo, são lideranças indígenas de longa data) vem sendo alvo de perseguição e ameaças devido à atuação nas denúncias contra as invasões nas Terras Indígenas.

Segundo o Instituto Socioambiente (ISA), a Terra Indígena Sete de Setembro, que fica próxima à maior Terra Indígena do estado do Rondônia, a TI Uru-Eu-Wau-Wau, tem sido alvo de garimpeiros e madeireiros. A Polícia Federal realiza operações constantes no local para o combate do desmatamento ilegal, que é monitorado por meio do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto Imazon. Outras duas T.I.s ameaçadas são a Trincheira/Bacajá e a Parakanã, ambas localizadas no Pará. (In: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/214814>)

II. Sobre a caracterização atual da comunidade linguística dos Paiter:

Hoje, a grande maioria dos Paiter está distribuída em 27 (vinte e sete) aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro), perfazendo um total de 1.165 (Hum mil, cento e sessenta e cinco) Paiter e 69 (sessenta e nove) não Paiter, dos quais a maioria é composta de brancos e de indígenas Cinta Larga, com membros advindos de outras etnias (um Gavião, um Zoró, uma Kamaiurá, etc). A maioria absoluta dos 100 (cem) Paiter que moram fora da T.I. é também falante de Paiter (o número de não falantes é ainda muito pequeno); considerando-se que, em 02 (duas) famílias em Cacoal, encontramos 03 (três) não falantes entre 10 (dez) indivíduos (MCL, Itens 2.1 e 2.2, Pág. 38).

A comunidade linguística se autodenomina com o termo “Paíteer”, que significa “nós mesmos” (*pa-* ‘primeira pessoa plural inclusiva’, *íteer* ‘de verdade, genuíno, mesmo’) e tende a ser usado quando se refere à língua materna indígena. O termo português “Suruí” é também usado pelos Paiter, nos contextos em que falam português. Já os heterônimos são: *Paiter*, *Suruí de Rondônia*, *Suruí Paiter*, *Paiter Suruí*.

“O termo “Suruí” é português (nome de um pássaro), provavelmente de origem Tupi-Guarani (note-se que há um grupo Tupi-Guarani no Estado do Pará também conhecido como “Suruí”, o que leva ao uso de “Suruí de Rondônia” para diferenciar os Paíteer dos Suruí do Pará), e é usado pelos não-Paiter (sobretudo não-indios) quando se referem aos Paiter. Os próprios Paiter também usam o termo, ao falarem português, para referir-se a si mesmos. A forma composta “Suruí Paiter” ou “Paiter Suruí” (onde “Paiter” vem de “Paíteer”, omitindo indicação do tom e prolongamento, que os não-indígenas não entendem) tem sido usada na literatura, talvez como uma espécie de compromisso intermediário entre “Suruí” e “Paíteer”.

“Na literatura sobre esta língua e/ou sobre outras línguas Tupi, bem como sobre a família como um todo, “Suruí” (às vezes “Suruí de Rondônia”) é o termo mais frequentemente utilizado. Paíteer (mais frequentemente grafado Paiter ou Suruí Paiter) é usado com certa frequência para referir-se ao povo ou à sua língua em trabalhos antropológicos (vejam-se, p.ex., os trabalhos de Betty Mindlin), mas o termo “Suruí” é também igualmente frequente.

No trabalho diário da FUNAI, bem como no de ONGs e órgãos do governo que trabalham com os Paiter (em áreas como educação e saúde), o termo “Suruí”, para o povo e a sua língua, é preponderante e não considerado pejorativo.” (MIC, Item 1, Págs 41 e 42).

A T.I. Sete de Setembro ocupa uma área de 248 mil hectares dentro dos municípios de Rondolândia (MT), Cacoal (RO) e Espigão d’Oeste (RO). Trata-se de uma área típica das terras baixas do noroeste amazônico, recoberta quase integralmente por florestas

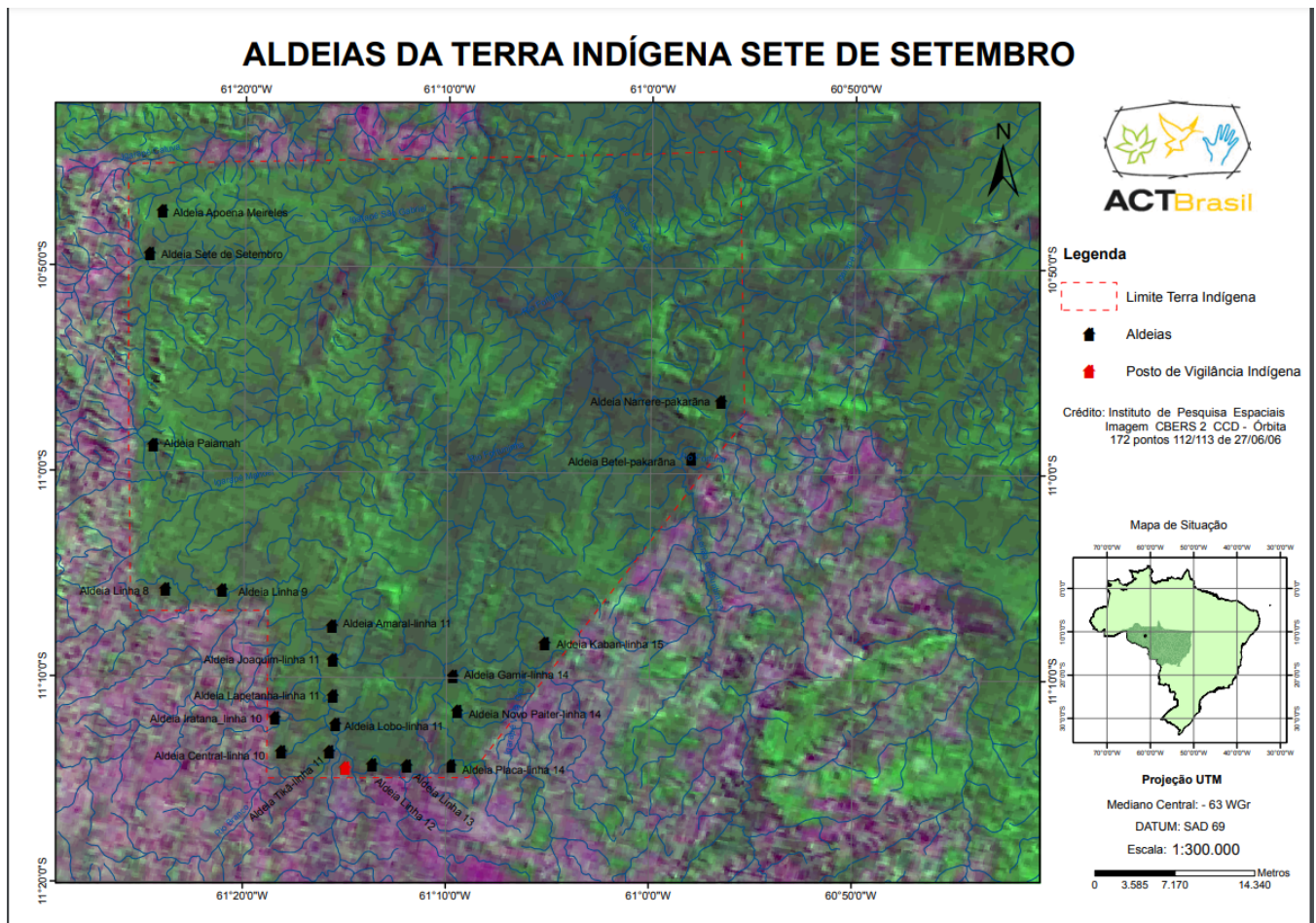
primárias. Para impedir invasões da sua terra, as aldeias Paiter estão todas localizadas na vizinhança imediata dos limites sul, leste e oeste da área (nenhuma se encontra no interior da TI ou perto do limite norte).

Para maior conhecimento sobre as localidades visitadas para a elaboração do Formulário INDL, recomendamos o acesso ao material constante em "Tabela de Dados Formulários INDL" (SEI nº 3444101), com a devida tabulação dos dados do MIP [Subitem 6.4 (Págs. 11 a 14) (com adaptações)], do MCT[Subitem 1.1.1. Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa (Págs. 16 a 18) (Com adaptações)] e [Subitem 1.2 (Págs 18 a 21) (com adaptações) e Subitem 2.2 (Págs. 22 a 35) (com adaptações)].

Sobre a forma de ocupação do território, o formulário INDL assim o detalha: *"(As aldeias) se organizam em sua maioria segundo as linhas abertas pelo INCRA na década de 1970 (sobretudo as linhas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15), as quais penetraram dentro da T.I. A principal bacia hidrográfica da T.I. Sete de Setembro é a do rio Branco, resultante da junção dos rios Sete de Setembro e Fortuninha, e que desemboca no rio Roosevelt. O clima é tropical, quente e úmido, com a temperatura ao redor de 24°C e três meses de estiagem (junho-julho-agosto)."* (MCT, Item 2.2.1, Pág. 36)

ALDEIA	POPULAÇÃO (Março/2016)	ALDEIA	POPULAÇÃO (Março/2016)
L 8	13	Ngaxip	7
L 9 (Central)	114	Pabykeb	22
L 9 (Atamuia)	6	7 de set (Henrique)	11
L 10 (Central)	97	Bethel	38
L 10 (Iratana)	11	Gahere	23
L 11 (Amaral)	123	Panag	18
L 11 (Joaquim)	79	Payaman	56
L 11 (Lapetanha)	73	Apoena Meireles	73
L 11 (Lobó)	30	Aymore Cunha	16
L 11 (Tikã)	53		
L 12 (Central)	66		
L 12 (Mauira)	22		
L 13	11		
L 14 (Gamir)	200		
L 14 (Nova Pipira)	25		
L 14 (Placa)	31		
L 15 (Kabaney)	16		

Tabela de Distribuição do Povo Paiter na T.I. Sete de Setembro. Relatório de Pesquisa (SEI nº 2521728)



Fonte: Aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro. Mapas TI Sete de Setembro (SEI nº 2521620)

A organização social dos Paiter é baseada na escolha de lideranças localizadas dentro de cada aldeia feita pelos próprios habitantes. Foi criado um "Parlamento Paiter" com o intuito de se organizar uma constituição oficial para a etnia, mas a iniciativa ainda não superou a cultura das organizações políticas descentralizadas.

Apesar de não haver uma liderança reconhecida como representante "geral" da etnia Paiter, há certa pessoas com prestígio em mais de uma aldeia, a exemplo de administradores e chefes de organizações indígenas como a Metareilã, em Cacoal (RO). É importante frisar na organização social Paiter o papel dos 04 (quatro) clãs (os kaban, os gabgir, os gamep e os makor) na prescrição das regras de casamento, nas formas de se fazer o intercâmbio entre os grupos e as aldeias, na incorporação de pessoas dentro da tribo sem guerra interna e na organização dos rituais e das festas. Sobre tais códigos de relacionamento, os Paiter são poligâmicos e realizam casamento avuncular (preferência pelo casamento com a filha da irmã), além da regra de descendência ser geralmente patrilinear.

Dentre os relatos contidos no inventário sociolinguístico, destaca-se que a sociedade Paiter registra a influência do cristianismo, sobretudo em sua vertente evangélica (Assembleia de Deus e Batista). (MCT, Item 2.2.1, Págs. 35 e 36, e MIC, Item 9.4, Pág. 69). Uma consequência da conversão de parcela dos Paiter foi o abandono de certas práticas tradicionais, como festividades, cantos, e o xamanismo, por serem considerados por alguns como profanação.

Esse dilema vivido pelos Paiter foi retratado no premiado longa metragem "Ex-Pajé", de Luiz Bolognesi, de 2018, que narra o conflito existencial vivido por Perpera, que se sente ameaçado pelos espíritos que ele relegou ao desistir das práticas xamânicas e se converter ao cristianismo. Conforme relatado na pesquisa sociolinguística, apesar das muitas discordâncias entre as diferentes lideranças, os Paiter mantêm a unidade do povo quando o assunto é a defesa do território contra invasões.

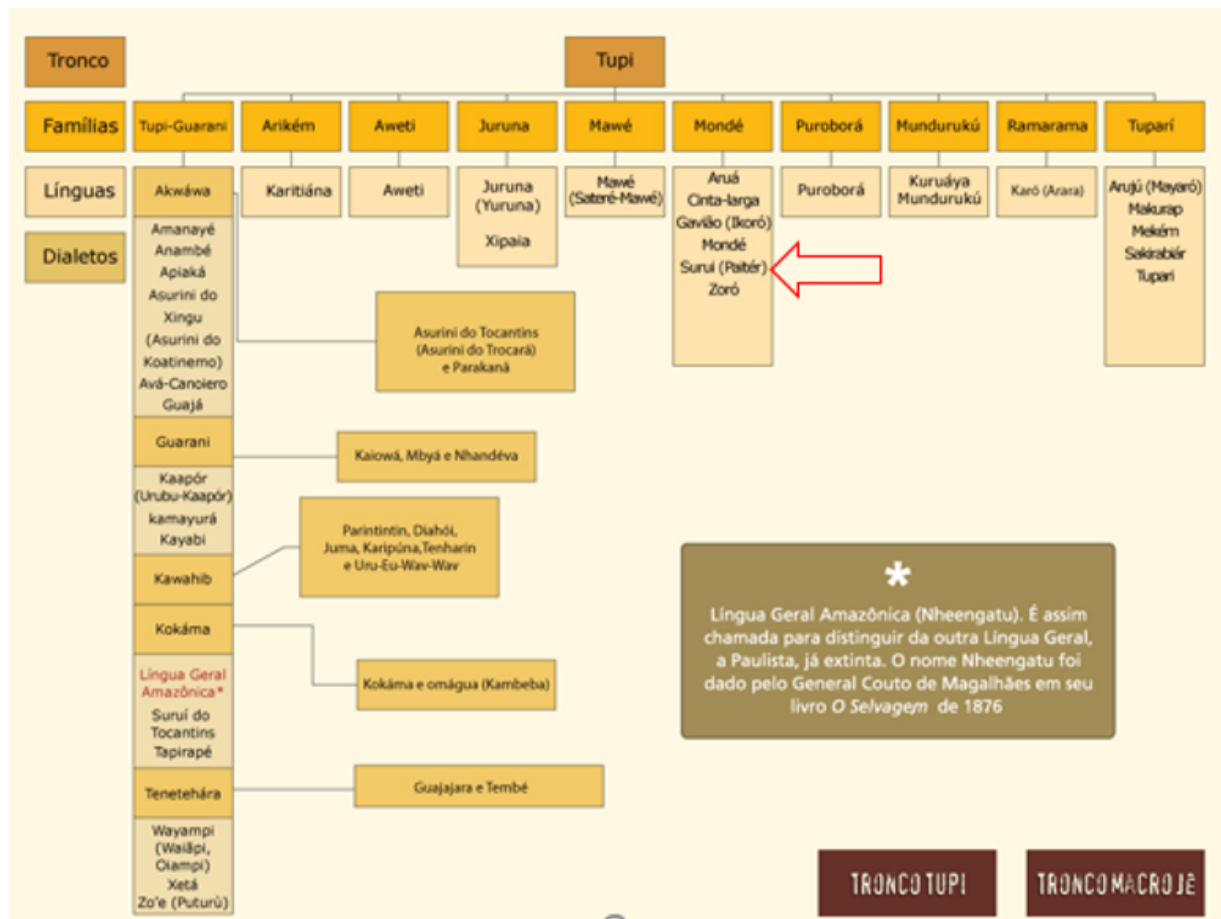
III. Sobre a língua Paiter:

Com relação à análise dos principais elementos estruturais, "as línguas mais próximas do Paiter são as demais línguas/dialetos da família Mondé (Gavião, Zoró, Cinta Larga, Aruá, Salamã). Seguindo a classificação de Moore (2005), dentre os membros desse complexo, a língua com mais semelhanças ao Paiter parece ser o Salamã.

Porém as línguas extintas Matanau e Kabanae, não incluídas naquela classificação, têm características parecidas com Paiter e com as outras línguas/dialetos Mondé. Das línguas da família Mondé, Paiter é a mais divergente, não sendo mutuamente inteligível com as demais.

A família Mondé deriva seu nome de um nome atribuído erradamente por Lévi-Strauss aos Salamã (Mondé foi o nome de uma pessoa, não do grupo Salamã).

Ela vem sendo chamada, durante a última década, de "Tupi-Mondé" por causa de uma interpretação errada do nome Tupi-Guarani, na qual alguém imaginou que "Tupi" se referiu ao tronco. Atualmente vários Paiter dizem que falam "Tupi-Mondé", repetindo o que eles ouviam dos não-indígenas." (MIC, Item 4, Pág. 44).



Quadro das Línguas Indígenas Brasileiras. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/saudeindigena/quemsaes/linguasindigenas.html>

Para conclusão do dossiê, é importante que conheçamos o relato dos pesquisadores, [vide a NT nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI nº 3079723)], que organizaram o levantamento para o INDL em viagens de campo para a Terra Indígena Sete de Setembro nos períodos de dezembro de 2014, março e maio de 2016 e outubro e novembro de 2017.

A coleta dos dados foi feita em vinte e uma das vinte e sete aldeias. A tabulação dos dados contidos no Formulário INDL está em "Tabela de Dados Formulário INDL" (SEI 3444101). Dentre as dificuldades apontadas para a realização da pesquisa foi o grande número de aldeias com ausência de sinal telefônico e a distância entre elas.

As divergências entre as lideranças também dificulta a mobilização comunitária para a anuência de pesquisas e de políticas públicas, situações que muitas vezes eram transitoriamente pacificadas após a arbitragem da Funai. Também quando os conflitos agrários intensificavam na região não era possível dar continuidade à coleta de informações.

Pelos motivos expostos foi de fundamental importância de órgãos como a Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde, a Funai em Cacoal (RO) e, de certa forma, da Secretaria de Educação de Rondônia, apesar de certa resistência apresentada na disponibilização de dados sobre a situação escolar dos Paiter, além do fundamental apoio da organização indígena Matereilá na construção de consenso na comunidade.

A comunidade linguística dos Paiter possui um vasto acervo documental devidamente relacionado no dossiê (MIC, Item 7, Págs. 48 a 55) contendo 15 referências de produção bibliográfica "na" língua (incluindo materiais didáticos), de 22 referências de produção bibliográfica "sobre" a língua, de 04 referências de produção em áudio e vídeo "na" língua, de uma referência de produção em áudio e vídeo "sobre" a língua, de 07 referências de produção musical "na" língua, de 02 referências de produção "na" língua disponível na internet e de 02 referências de produção "sobre" a língua disponível na internet.

Dentre as muitas referências documentais citadas (Idem, item 7.1., Págs. 48 a 53), foram destacadas as obras '*Paiter E Por Ah Etiğ*' e '*Ğarah E Same*' como materiais de alfabetização mais recentes, ilustrativo das forças (abordagem pedagógica moderna) e das fraquezas (inconsistências ortográficas) da alfabetização em língua Paiter." As variações na grafia citadas foram registradas em um levantamento empírico elaborado por '*NEVINS & MOORE*' (Pág. 54).

Quanto à disponibilidade das produções documentais na comunidade, há publicações mais recentes disponíveis nos estabelecimentos escolares mais estruturados localizados nas aldeias das linhas 9, 11 e 14. Nas demais escolas há edições com cópias mais envelhecidas.

Os educadores, porém, reclamaram da pouca quantidade de material impresso para trabalhar com o público escolar e da indisponibilidade de conteúdo gravado em áudio e vídeo. Fato este que só é compensado quando acessam conteúdos disponíveis nas redes nos períodos em que algumas aldeias dispõem de acesso à Internet. A comunidade também lamenta a ausência de referências científicas sobre a língua Paiter disponíveis na T.I. (Ibidem, Item 7.2, Pág. 54).

O presente dossiê foi elaborado pelo linguista Sérgio Meira de Santa Cruz Oliveira sob a supervisão do Linguista do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Dr. Denny Moore, durante o período de execução do levantamento, cujas viagens de campo iniciaram-se em dezembro de 2014, continuando entre março e maio de 2016 e concluído em outubro e novembro de 2017 [Vide o "RELATÓRIO DA REUNIÃO FINAL" (SEI nº 3151265)] para a coleta dos dados.



Fonte: Aldeia Sertanista Apoena Meireles: Sérgio Meira explicando o INDL e o projeto de documentação. Cacique José Iptabira é a terceira pessoa à esquerda.

Disponível em "Fotografias" (SEI nº 2521605).

IV. Diagnóstico Sociolinguístico:

De modo a sintetizar as informações obtidas no inventário básico do povo Paiter registrados no Formulário INDL, organizamos os dados que representam as múltiplas variáveis sociolinguísticas para as localidades de ocorrência da língua, conforme recomendação do Volume 2 do Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL (Parte 2, Item 1, Subitem 1.4).

Assim, os dados sociolinguísticos a ser apresentados, alternadas entre gráficos de pizza, de colunas e tabelas, obedeceram à sequência escolhida pelos pesquisadores para os registros: número de falantes da língua de referência; em seguida, foram estimados o número de monolíngues e bilíngues.

Logo depois, veremos as seguintes tabulações do levantamento demográfico: tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem; os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem dos Paiter.

Antes, deve-se destacar que o escopo do inventário foi amplo (MIP, Item 3, Pág. 7), que contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre a língua por meio da entrega de formulário com 06 Módulos, Relatório Final e Acervo Digital) (MIC, Item 7, Págs. 48 a 55).

Quanto aos principais falantes de referência, foram identificadas 22 (vinte) pessoas, sendo 02 (dois) educadores, 02 (dois) ativistas, 17 (dezessete) conhecedores da cultura tradicional Paiter e 01 (um) aluno de linguística; Por sua vez, os especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações voltadas para a língua Paiter perfazem 09 (nove) pessoas, sendo 05 (cinco) linguistas (Sérgio Meira – Pesquisador INDL -, Denny Moore – MPEG -, Julien Meyer – Gipsa Lab Grenoble France -, Ana Suelly Cabral – LALLI, UnB – e Ruth Monserrat – UFRJ -), 02 (dois) antropólogos (Betty Mindlin e Cédric Yvinec – CNRS Mondes Américains, Paris -), 01 ativista (Ivanete Bandeira Cardozo - Coordenadora da ONG Kanindé -) e 01 indigenista (Maria do Carmo Barcellos) (MIC, Itens 8.1 e 8.2, Págs. 55 a 58).

Com relação à presença da língua de referência nas instituições oficiais de ensino, todas as dez Escolas Estaduais pesquisadas apresentam Ensino Intercultural Bilíngue (Pág. 60) mesmo em contexto não oficial do uso do Paiter como língua de instrução, pois a grande maioria dos professores falam a língua de referência.

Dentro do panorama geral, 05 escolas possuem na grade curricular disciplinas de ensino da língua materna e cultura, literatura e arte Paiter (MIC, Item 9.1, Págs. 60 a 66). Para maior conhecimento sobre as localidades visitadas durante a elaboração do Formulário INDL, recomendamos o acesso ao material constante em "Tabela de Dados Formulários INDL" (SEI 3444101), com a devida tabulação dos dados do MIC, Item 9. Instituições, Subitem 9.1. Escola, Págs. 58 a 67 (com adaptações).

Quanto aos demais serviços públicos oferecidos (item 9.2, Pág. 67), há a oferta de serviços de saúde em postos de saúde locais na língua Paiter. Entretanto, não é uma política pública organizada, mas simplesmente o resultado do esforço voluntário de agentes de saúde que também são Paiter e que falam a língua Paiter. "Quaisquer serviços de saúde oferecidos fora da Terra Indígena Sete de Setembro (médicos, hospitais, consultas, etc.) são exclusivamente em língua portuguesa." (Pág. 67).

Já a postura de outras instituições com relação ao uso da língua de referência (Item 9.3, Págs. 67 a 69), "com exceção das escolas (integradas no sistema educacional brasileiro), da saúde (...) (nos casos em que o agente de saúde é um falante da língua da Paiter) e de projetos ocasionais que abordam o estudo da língua Paiter, não há instituições que atuem na área no intuito de apoiar o uso da língua Paiter. Há grupos missionários interessados na conversão dos Paiter ao cristianismo que, de modo geral, apoiam o uso continuado da língua na sociedade Paiter." (Pág. 67).

A pesquisa identificou 12 (doze) instituições que atuam na Terra Indígena Sete de Setembro, sendo 06 (seis) delas dentro da Comunidade Paiter: Associação Gabgir Ey do Povo Indígena Paiter Suruí (Linha 14), Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob (Linha 09), Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí, Coopaiter e Grupos e Coletivos de Cultura baseados na Aldeia Apoena Meireles com foco de atuação na documentação digital da língua e da cultura tradicional. Os demais representantes de fora da comunidade prestam um relevante apoio na salvaguarda da língua de referência: Secretaria de Educação de Rondônia (SEDUC-RO), Funai de Cacoal (RO), a ONG Nacional Kanindé Associação de Defesa Etnoambiental, a UNIR de Ji-Paraná (RO), o LALLI-UnB, a Área de Linguística do Museu Goeldi e o Summer Institute of Linguistics (SIL) no apoio a pesquisas da língua e da tradução, apesar da controversa conduta missionária. (Vide o item 9.4, Págs. 69 a 70).

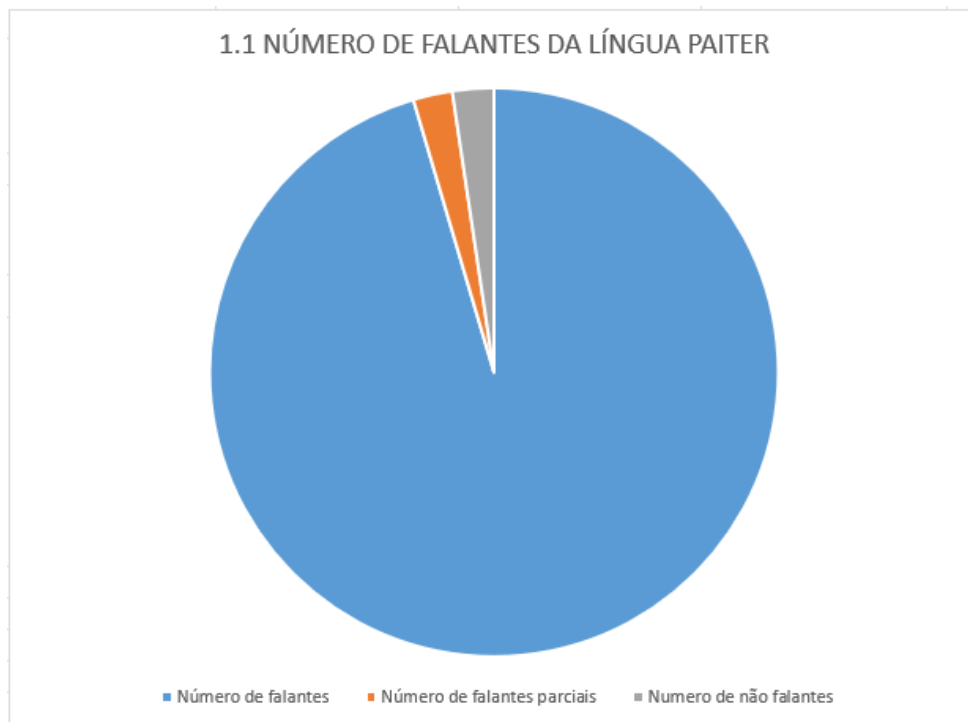
Nesse cenário, destacam-se as organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística (Item 9.4, Págs. 69 e 70), quais sejam: Summer Institute of Linguistics (SIL), Missão Novas Tribos e Igrejas Locais. Conforme relato “in verbis”:

“Além do contato com a sociedade circundante, há a presença missionária, a qual, embora proporcione, em geral, algumas pesquisas da língua, ameaça a cultura verbal tradicional, uma vez que é antagônica a certos aspectos da cultura ancestral Paiter, os quais considera contrários ao cristianismo: crenças religiosas tradicionais, festas, cerimônias e rituais tradicionais, e também histórias tradicionais percebidas como opostas à “moral e ética cristã” ou às “tradições do cristianismo. Há também, por parte dos missionários e dos Paiter convertidos ao cristianismo, um esforço para convencer pajés (xamãs) a cessarem suas atividades e adotarem o cristianismo, e para desencorajar os mais jovens de adquirir o conhecimento necessário para que se tornem pajés. Situação varia de uma aldeia para outra. Na aldeia Linha 14, o cacique disse que ele não pode cantar música antiga sem ser acusado de trabalhar com o diabo. Na aldeia Sertanista Apoena Meireles ambas as crenças tradicionais e a igreja dos não indígenas são presentes e o cacique Iptabira acha que não há contradição.” (MIC, Item 9.4, Pág. 69)

V. O Módulo "Diagnóstico Sociolinguístico" do Formulário INDL:

O MÓDULO DIAGNÓSTICO SOCIOLINGÜÍSTICO (MDS) (Págs. 71 a 87) dos Formulários do INDL projeta uma comunidade linguística da etnia Paiter de 1.120 (Hum mil, cento e vinte) indivíduos, sendo que, na comunidade de referência, 813 (oitocentos e treze) são considerados indivíduos proficientes, 19 (dezenove) são falantes parciais e 20 (vinte) não são falantes da língua originária.

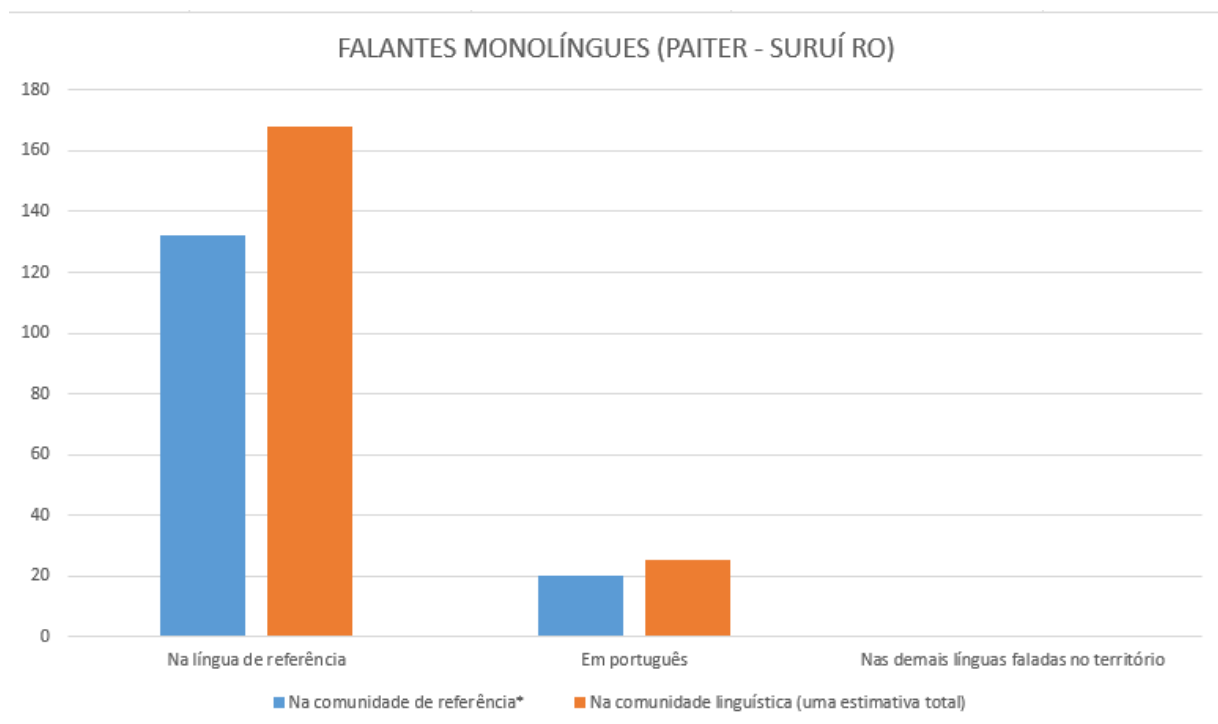
	PAITER (SURUÍ DE RONDÔNIA)	
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	813	1.120
Número de falantes parciais	19	24
Numero de não falantes	20	45
Observações	* Não foram contabilizados menores de 05 anos; ** A população Paiter fora da T.I. Sete de Setembro foi estimada conforme explicado no item 1.1. do Módulo Diagnóstico Sociolinguístico (Pág. 71 do INDL).	



Seguem demais dados encontrados no levantamento sociolinguístico nas aldeias Paiter:

Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística (MDS, Item 1, Subitem 1.2, Pág. 72):

	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	132	168
Em português	20	25
Nas demais línguas faladas no território	Não há	Não há
Observações	* Consideraram-se aqui não falantes os que receberam nível de fluência '0', como falantes parciais os que receberam nível de fluência '1' ou '2', e como falantes os que receberam o nível '3'. Falantes monolíngues são aqui os que receberam nível '3' em uma língua e nível '0' nas demais. Na estimativa para a comunidade linguística, considerou-se que nenhum dos 100 Paiter residentes fora da TI Sete de Setembro são falantes monolíngues. (Item 1.2, Módulo de Diagnóstico Sociolinguístico, Pág. 72)	



Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística (Item 1, Subitem 1.3, Pág. 72):

		Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
	Quantos também falam português?	393	503
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua.	Cinta Larga	50	64
	Uru Eu-Wau-Wau	2	2
	Gavião	1	1
	Tikuna	1	1
	Kamayurá	1	1
	Rikbatsa	1	1
	Observações	Falantes bilíngues são aqueles que possuem nível 2 ou 3 nas duas línguas. Fonte: Item 1.3. Módulo de Situação Sociolinguística. Pág. 72	

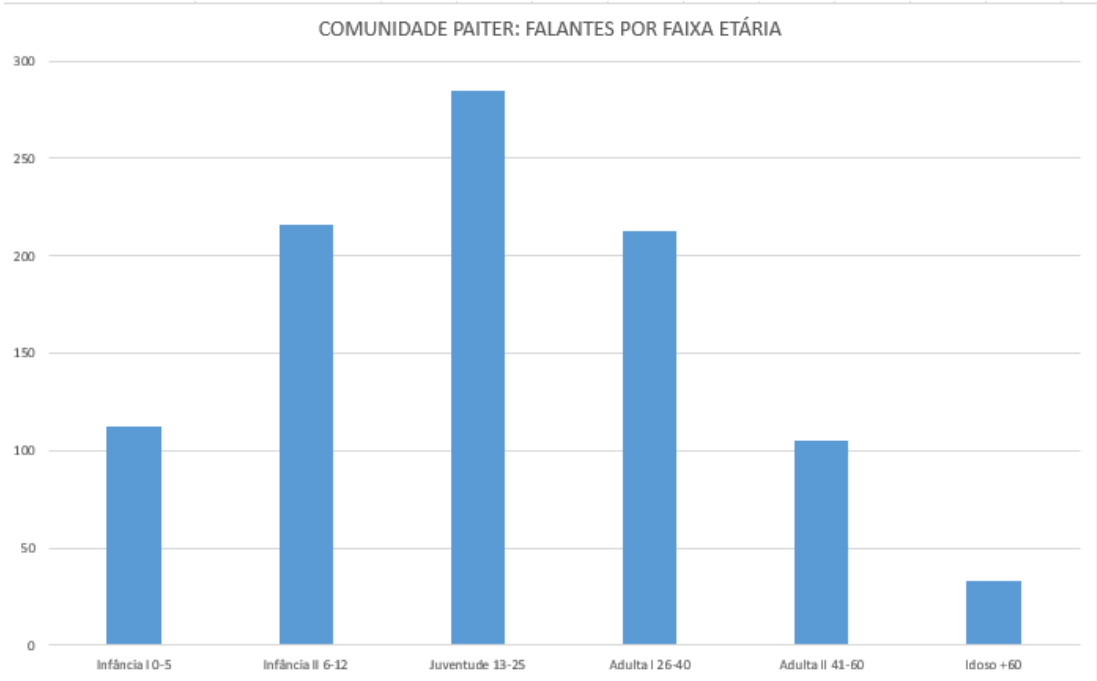
Quanto à caracterização de situações de plurilinguismo (Item 1, Subitem 1.4, Pág. 73), não foram identificados na comunidade linguística indivíduos que falam 03 (três) ou mais línguas. Já com relação à forma de aquisição da língua, o Paiter é comumente aprendido como primeira língua (L1) e o Cinta Larga (nos casamentos interétnicos) e o Português como a segunda opção (L2) para contato com outros povos indígenas fora da T.I. Sete de Setembro e com os não indígenas (Item 7, Subitem 7.2, Págs. 73 e 74).

Sendo, assim, uma grata exceção em comparação com outros povos indígenas, a Língua de Referência e o Português são as línguas de alfabetização, ou seja, a língua Paiter também é usada na instrução escolar, além de constituir uma disciplina específica desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, conforme o padrão de regularidade das demais disciplinas obrigatórias que compõem o currículo escolar da Secretaria de Educação do Estado de Rondônia.

“Em seus usos cotidianos, o Paiter já ‘ocupa todo o espaço disponível’ (ou seja, é a língua de uso normal para todas as atividades do dia a dia); não há, em princípio, mais espaço tradicional para onde a língua Paiter possa se expandir.” (MDS, Item 5.3, Pág. 82)

Para auxiliar na compreensão desse tema, segue a coleta de dados referentes à taxa de transmissão por tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem (Ibidem, Item 3, Subitem 3.1):

	LÍNGUA PAITER (SURUÍ DE RO): TAXA DE TRANSMISSÃO					
	Falantes Fluentes		Falantes com proficiência parcial		Não falantes	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância I 0-5	0	0,00%	0	0,00%	112	100,00%
Infância II 6-12	210	97,20%	5	2,30%	1	0,50%
Juventude 13-25	275	96,50%	3	1,10%	7	2,40%
Adulta I 26-40	198	93,00%	6	2,80%	9	4,20%
Adulta II 41-60	97	92,40%	5	4,80%	3	2,80%
Idoso +60	33	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
OBSERVAÇÃO:	Os números se referem à comunidade de referência (964 indivíduos). Na prática, crianças de 5 anos ou menos foram computadas como não falantes, apesar do desenvolvimento da sua língua materna estar em andamento. Fonte: Item 3.1 do Módulo de Diagnóstico Sociolinguístico (Págs. 74 e 75)					



Dados: Total de falantes por Faixa Etária - Infância 0-5: 112 não falantes (vide observação acima); Infância 6-12: 216 falantes Juventude 13-25: 285 falantes; Adulta I 26-40: 213 falantes; Adulta II 41-60: 105 falantes; Idoso +60: 33 falantes.

A língua Paiter foi caracterizada, com relação ao grau de transmissão (Item 3, Subitem 3.2, Págs. 75 e 76) e à dinâmica dos usos sociais como “estável”; por conseguinte, o grau de vitalidade correspondente é “forte” (MAV, Item 2, Subitem 2.1), por conta do largo emprego da língua Paiter no modo oral entre os falantes em todas as situações cotidianas, exceto quando não há falantes.

Entretanto, foi constatada que os usos linguísticos especiais (Subitem 5.4.2, Pág. 84), como o “uso da língua antiga” para a contação de histórias sobre os mitos de origem, relatos históricos e fábulas e o “uso da língua assoviada” durante as caçadas no mato e nas guerras hoje está apenas a cargo de relatos como do líder Iptabira. Poucas pessoas conhecem esse tipo especial de uso, com uma frequência menor do que a prática de antigamente e sem a transmissão para a nova geração.

Além disso, o estado de vitalidade da língua pode começar a ficar vulnerável pois, apesar de “a transmissão da língua para as próximas gerações (ser considerada) ‘um fato normal’ que ‘ninguém vai evitar’, alguns, contudo, já começam a despertar para a ideia de que uma língua com mais de mil falantes ainda assim pode estar “em perigo de extinção. (...) A preocupação frequentemente expressada é que os jovens têm menos conhecimento da língua, não ‘falam direito’, tem influências de português e não conhecem muitas palavras do vocabulário tradicional.” (Subitem 6.1, Pág. 85).

Com relação à atitude dos Paiter em relação às demais línguas“(eles) vêem o português como chave para o progresso pessoal dentro da sociedade circundante (e há muitas coisas dessa sociedade, como a educação superior, que eles valorizam). Nota-se que essa ideia de progresso leva os Paiter inclusive a afirmarem (...) que seria importante introduzir o ensino do inglês nas escolas dentro da T.I. Sete de Setembro, uma vez que o inglês é ‘uma língua importante’ que ajuda no ‘sucesso’”(Subitem 6.2, Págs 85 e 86).

Outras línguas da T.I. têm muito poucos falantes e não parecem produzir nenhum tipo específico de atitude para com elas. Todavia, os Paiter, como os outros grupos da família linguística, reconhecem o parentesco e a semelhança entre as línguas e os dialetos da família Mondé e têm uma certa solidariedade com os povos relacionados.” (Págs. 85 e 86).

Por sua vez, o levantamento ortográfico revelou pelo menos 03 (três) ou mais modelos de grafias existentes (MDS, Item 4, Subitens 4.1.1. e 4.1.2, Págs. 76 e 77). Para fins de melhor didática na pesquisa, as ortografias foram nomeadas de acordo com o nome do linguista que a criou e propôs: Ortografia Bontkes; Ortografia Seki e Ortografia Cabral (Para uma análise mais detalhada, veja o “Relatório sobre Escrita Paiter” (SEI 2527130)).

Segundo consta no Relatório citado, os pesquisadores enfatizaram a ausência de tom e da quantidade vocálica na reprodução gráfica da língua Paiter:

“Geralmente o tom está omitido. Duas delas (Bontkes e Cabral) marcam vogais longas, mas de modo inconsistente (note-se, por ex, o termo ikör ‘gavião’, usado no título de uma das publicações feitas nessa ortografia, o qual é pronunciado [i.kõ:r], com vogal nasal de tom

alto e longa; o tom não é marcado, mas o prolongamento deveria tê-lo sido, com a letra h, ou seja, o termo deveria ser escrito ikôhr, segundo os princípios dessa ortografia)." (Subitem 4.1.3, Págs. 77 e 78)

Quanto à produção de textos escritos produzidos pela comunidade linguística (Subitem 4.2, Pág. 78), apesar de o uso da escrita na língua de referência existe há mais de 25 anos e menos de 75 anos, não existe tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na própria língua, mas há o costume da escrita em Português de vários tipos de textos.

Com isso, afirma-se que as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua paiteir referem-se ao uso limitado da escrita dentro da T.I., limitando-se a contatos em Português com os não-indígenas por conta das demandas rotineiras burocráticas como comunicados com instituições oficiais.

Por ser um povo de tradição oral, a escrita na língua de referência não é estimulada dentro da comunidade, salvo em situações em que missionários utilizam a língua indígena como instrumento de evangelização na igreja. Os pesquisadores registraram que a comunidade linguística sentem dificuldade por conta do conflito entre as grafias.

"O uso da língua continua entre os jovens, mas há uma redução no seu conhecimento da língua tradicional, que causa os idosos a reclamar que os jovens 'não sabem falar direito'. A vitalidade da língua seria maior com escrita menos confusa. (Os brancos não percebem que é confusa ou acham que a confusão não é problemática.) Para uma ortografia ser adequada para documentação, tem que ser possível recuperar a pronúncia das palavras escritas. Com representação embranquecida e inadequada da pronúncia, a escrita pode contribuir à aculturação linguística e impossibilitar a aprendizagem da língua através da leitura por parte dos Paiter que não são falantes plenos." (Pág. 92)

As variações na ortografia da língua Paiter interfere na definição de métodos que permitam mensurar a proficiência em escrita e leitura, apesar de todas as crianças em idade escolar serem consideradas alfabetizadas e possuírem conhecimento de um repertório satisfatório de símbolos para o registro da pronúncia de palavras na língua Paiter também por conta do conhecimento da escrita e da leitura em língua portuguesa. (Item 4.4, Págs. 80 e 81).

A paisagem linguística consiste em uma produção muito limitada de conteúdo escrito em cartazes, faixas, banners, cartolinas e letreiros delimitado ao espaço escolar e em estabelecimentos públicos fora da T.I. Nas aldeias da Terra Indígena Sete de Setembro, todas as situações comunicativas cotidianas se dão em língua Paiter, exceto nos casos em que está envolvido algum indivíduo não falante, caso em que será feito o esforço de usar-se o português. (Item 5.2, Pág. 82).

Apesar de a dinâmica dos usos da língua Paiter serem consideradas estáveis, a língua portuguesa está em expansão e tende a se afirmar, sobretudo porque ele veicula o acesso a "vantagens" providas pela sociedade envolvente (compra e venda, interações sociais; a educação fora da T.I., chegando até à universidade), além da influência da televisão e das redes sociais no comportamento das novas gerações (Pág. 83)

Apesar da incipiente preocupação entre os mais velhos quanto ao futuro da língua de referência na comunidade linguística, é constatado na pesquisa que o grau de atitudes dos falantes com relação à língua é positiva (Subitem 6.1, Pág. 85), pois a comunidade considera a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações.

VI. O Módulo "Avaliação da Vitalidade Linguística, Revitalização e Promoção" (MAV) do Formulário INDL:

Com o foco na **valorização e na promoção da língua Paiter**, as seguintes ações estão em curso (MAV, Item 1.1, Pág. 88):

Ação nº 01: A "Universidade Paiter a Soeixawe" - Unipaiter:

Atores envolvidos: Os Paiter e a Unicamp

(<https://www.kaninde.org.br/povo-paiter-surui-pode-criar-a-primeira-universidade-indigena-brasileira/>; <https://www.rondoniainfoco.com.br/universidade-paiter-surui/>);

Atividades desempenhadas: Em 2019 foi realizado no Centro de Treinamento do povo Paiter Suruí o evento II Soeixawe em parceria com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Acre (UFAC), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Fundação Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e a UNESCO (Gapmil).

Ação nº 02: Projeto ELDP de documentação digital da língua e da cultura:

Atores envolvidos: Coordenado por Denny Moore, com assistente local e muitos jovens Paiter;

Atividades desempenhadas: Documentação de 158 tópicos, na Enciclopédia Digital Paiter;

Observações: As gravações devem ser distribuídas ao povo Paiter.

No que tange as **propostas da comunidade para a salvaguarda da língua**, relacionamos as demandas conforme o nível de prioridade (Subitem 1.2, Págs. 88 a 91):

ALTA PRIORIDADE Nº 01:

Proposta: Assessoria para resolver problemas na ortografia;

Justificativa: Escolhida pelos representantes, que foram chocados pelos erros e inconsistências observados na escrita e a dificuldade que estas vêm criando para a alfabetização na língua e seu uso.

Ações necessárias: Estudo linguístico adequado da fonologia da língua Paiter com base no estudo mencionado em pesquisa; Explicação da fonologia para um comitê técnico de Paiter composto de várias aldeias, da fonologia da língua e das alternativas para a sua representação ortográfica, como também as consequências práticas de cada alternativa; Escolha informada pelo comitê da ortografia. Adoção oficial da ortografia e produção subsequente de materiais escritos, com a devida divulgação.

Pessoas ou instituições responsáveis pela demanda: Linguistas com experiência e conhecimento especializado das línguas da família, de preferência com sucesso em trabalho ortográfico e alfabetização e resultados concretos.

Observações: Duas tendências dificultam a escrita Paiter: 1) O embranquecimento da escrita (omissão de distinções e sons que não existem no português) e 2) a aleatorização da escrita (mudança frequente de símbolos gráficos e acumulação de erros). Uma parte do trabalho é de linguística técnica. Uma parte é política: como organizar pessoas para conseguir bons resultados, apesar da territorialidade e das rixas das pessoas nesse tipo de atividade. Os Paiter geralmente são mais racionais e interessados em resultados que os brancos, mas necessitam de capacitação.

ALTA PRIORIDADE Nº 02:

Propostas: Documentação digital da língua e cultura verbal por meio de gravações de áudio e de vídeo, com cópias para o uso da comunidade.

Justificativa: Escolhida pelos representantes, como medida de reforçar o conhecimento da língua e da cultura tradicionais entre os jovens e como resgate do patrimônio linguística e cultural dos Paiter, frente ao número reduzido de idosos.

Ações necessárias: Treinamento de jovens na tecnologia e metodologia de documentação digital; Disponibilização de equipamentos de captura e edição; Catalogação e depósito das gravações e seus metadados e traduções em um arquivo digital profissional permanente; Divulgação do material na comunidade voltada para os jovens.

Pessoas ou instituições responsáveis pela demanda: Um grande projeto de documentação digital entre os Paiter já foi realizado no período 2016 a 2018, coordenado pelo linguista Denny Moore. Após a consolidação dos resultados desse projeto, incluindo a disponibilização das gravações na comunidade, pode-se pensar em como continuar o trabalho.

Observações: O projeto treinou, inicialmente, 15 (quinze) jovens Paiter, selecionados pela sua capacidade técnica e interesse na cultura e língua. A seleção de tópicos e a gravação em vídeo ou em áudio foram realizadas pelos jovens, também o registro de metadados e a tradução. Todo material já foi catalogado e arquivado permanentemente. Estuda-se como devolver à comunidade. A qualidade do trabalho Paiter foi impressionante.

ALTA PRIORIDADE Nº 03:

Proposta: Correção de materiais didáticos existentes e aumento da sua quantidade.

Justificativa: Escolhida pelos representantes, como medida de melhorar a alfabetização e o uso da língua Paiter.

Ações necessárias: A questão ortográfica tem que ser resolvida primeiro. (Ver a primeira prioridade). Depois materiais preliminares devem ser preparados e testados para verificar a sua utilidade. Depois mais materiais podem ser elaborados e a sua reprodução solicitada.

Pessoas ou instituições responsáveis pela demanda: Provavelmente o mesmo linguista que resolveu a ortografia teria que ser envolvido na elaboração de material, provavelmente com uma equipe de Paiter capacitada para a produção de material.

Com isso, após a constatação de que a comunidade está articulada em prol de demandas voltadas para a área educacional, considera-se que o grau de vitalidade da língua Paiter é forte, (Subitem 2.1, Pág. 91), pois apresenta taxa de transmissão e dinâmica dos usos sociais da língua estáveis, em que pese a ausência de transmissão dos usos especiais da língua e o crescente fluxo migratório dos jovens para os centros urbanos.

VII - Conclusão:

Tendo em vista as informações apresentadas, observamos que o mapeamento, a caracterização e diagnóstico da língua e, por fim, a sistematização dos dados em formulário específico foram devidamente executados de acordo com o disposto no Decreto nº 7.387/2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

Nesse sentido, face o preenchimento dos pré-requisitos para o pedido de inclusão de línguas e o reconhecimento como Referência Cultural Brasileira, além de considerável volume de informações complementares sobre a língua inventariada, consideramos que foram atendidas as especificações técnicas para a instrução do processo de inclusão da língua Paiter no Inventário Nacional da Diversidade Linguística e posterior deliberação pela Comissão Técnica do INDL.

Considerando o estado de potencial vulnerabilidade devido à crescente migração dos jovens para os centros urbanos e à perda das tradições incentivadas por atuações missionárias, que resulta na ausência de transmissão dos usos especiais da língua, fatos apresentados pelo levantamento sociolinguístico realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e sintetizados neste parecer, bem como todo o processo relatado de violência, aculturação e ameaça ao qual esse povo foi e continua sendo submetido ao longo de sua história, recomendo fortemente a inclusão da Língua Paiter no INDL.

A inclusão da língua no INDL servirá não somente para destacar a relevância da língua para a memória, a história e a identidade do povo Paiter, mas também justificará a implementação de ações voltadas à salvaguarda da língua, conforme o Art. 5º do Decreto nº 7.387/2010, *“que as línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público”*.

Sobre o campo das memórias sensíveis, ressalto o teor da Nota Técnica 8 DPGU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI 3449599), elaborada pela Defensoria Nacional de Direitos Humanos da DPU, cuja defesa é a de dimensionamento do patrimônio

linguístico ao mesmo campo do respeito aos Direitos Humanos e que sejam, dessa forma, estabelecidas políticas públicas de reparação à repressão linguística no Brasil.

Segue trecho desse documento que ao nosso juízo traz luz a esta questão:

"Ainda que possamos contextualizar historicamente tais eventos, são evidentes os seus efeitos negativos e consequências restritivas sobre a vida atual e perspectivas futuras dessas comunidades, fato que fundamenta ações e políticas públicas para conscientização do direito humano à diversidade linguística e medidas compensatórias de reparação imaterial pelos danos identitários."

Para corroborar o senso de urgência relatado por esta DTDL, citamos aqui a necessária reflexão do linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues sobre a situação das línguas indígenas brasileiras:

"A simples menção do número de 180 línguas indígenas existentes hoje no Brasil pode dar uma falsa ideia da realidade. Uma maior aproximação com esta realidade só pode ser obtida mediante consideração dos dados demográficos referentes a cada língua. Seria demasiado longo apresentar aqui em detalhe esses dados, por isso limito-me a agrupar as línguas dentro de certos limites demográficos, isto é, segundo o número de pessoas que as falam, e a mencionar o número de línguas em cada grupo. Há apenas uma língua com pouco mais de 30.000 falantes, duas entre 20.000 e 30.000, outras duas entre 10.000 e 20.000; três entre 5.000 e 10.000; 16 entre 1.000 e 5.000; 19 entre 500 e 1.000; 89 de 100 a 500 e 50 com menos de 100 falantes. A metade destas últimas, entretanto, tem menos de 20 falantes. Em resumo: das 180 línguas apenas 24, ou 13%, têm mais de 1000 falantes; 108 línguas, ou 60%, têm entre 100 e 1000 falantes; enquanto que 50 línguas, ou 27%, têm menos de 100 falantes e metade destas, ou 13%, têm menos de 50 falantes (Rodrigues1993c).

Em qualquer parte do mundo línguas com menos de 1000 falantes, que é a situação de 87% das línguas indígenas brasileiras, são consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção e necessitadas, portanto, de pesquisa científica urgentíssima, assim como de fortes ações sociais de apoio a seus falantes, que como, comunidades humanas, estão igualmente ameaçados de extinção cultural e, em não poucos casos, de extinção física." (g.n.)

Fonte: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. Conferência proferida por ocasião da inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999. In. Relembrando. Revista Brasileira de Linguística Antropológica. Vol. 8, nº 2, Dezembro de 2016. Pág. 193.

Portanto, salvo melhor juízo, pelos motivos acima elencados somos favoráveis à inclusão da língua Paiter no INDL por considerar que a documentação apresentada é suficiente para a identificação da língua. Dessa forma, submeto o presente Parecer para consideração e envio às instâncias superiores que, por sua vez, farão ulterior submissão do pleito à Comissão Técnica do INDL.

Daniel Ramos Araújo

Analista de Patrimônio e Cultura. Área 4.

Divisão Técnica de Diversidade Linguística – DTDL/CGIR/DPI

De acordo.

Marcus Vinícius Carvalho Garcia

Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística

DTD/CGIR/DPI/IPHAN



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Ramos Araújo, Analista I**, em 20/04/2022, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinícius Carvalho Garcia, Chefe da Divisão Técnica da Diversidade Linguística**, em 20/04/2022, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3111670** e o código CRC **A496B3C6**.